

# MAJÓLICAS ITALIANAS DO TERREIRO DO TRIGO (LISBOA)

**CRISTINA GONZALEZ** Crivarque, Lda.

**RESUMO** Resultante de uma intervenção arqueológica que durante o ano de 2010 decorreu no Largo do Terreiro do Trigo (Lisboa) e algumas ruas adjacentes recolheu-se um conjunto de fragmentos de cerâmica desde o início identificados como majólica de produção italiana. A intervenção desenvolvida pela empresa Crivarque acompanhou as obras de construção de um troço da nova rede de saneamento promovida pela SIMTEJO em Lisboa, tendo proporcionado a escavação arqueológica em áreas consideráveis do Largo do Terreiro do Trigo e Rua do Terreiro do Trigo, atingindo os níveis de aterro do século XVI donde maioritariamente se recolheram estas cerâmicas.

O conjunto não é muito significativo do ponto de vista quantitativo, no entanto inclui na sua grande maioria repertório formal comum a todas as exportações feitas para o mundo ibérico (Portugal, Espanha e Novo Mundo). Estão presentes sobretudo produções de Montelupo, Deruta e Ligúria, que se afiguram como principais centros exportadores durante este período.

O estudo desta colecção é pertinente para a compreensão da evolução do comércio da cerâmica em Portugal durante o século XVI, porque revela uma viragem no gosto pela policromia em detrimento do monocromatismo da cerâmica valenciana com maior expressão na centúria anterior.

Não obstante a grande quantidade e diversidade de majólicas italianas existentes em contextos arqueológicos urbanos, a ausência do seu estudo sistemático tem vindo a revelar-se como uma lacuna na compreensão da extensão da importância deste tipo de objectos, tanto em termos de quotidiano como dos circuitos comerciais que compõem uma economia cada vez mais global.

**PALAVRAS-CHAVE** Cerâmica fina, estética renascentista, centro de importação, eixo mediterrânico

## ENQUADRAMENTO E INTERPRETAÇÃO

Entre Fevereiro e Outubro de 2010 diversas ruas do bairro de Alfama (Lisboa) foram alvo de profundas escavações no seguimento de uma obra da SIMTEJO que tinha por objectivo a requalificação do sistema de saneamento da cidade, redireccionando os esgotos do Tejo para a ETAR de Alcântara. A elevada afectação do subsolo nas imediações mais próximas do antigo Chafariz de El-Rei e no lado exterior da Cerca Moura e Muralha Fernandina, fazia prever desde o início uma intervenção arqueológica sobre níveis de cronologia Moderna, que viria a ser conduzida pela CRIVARQUE<sup>1</sup>. O acompanhamento da abertura de valas que atingiam nalguns casos 3 a 5 m de profundidade, bem como a escavação arqueológica em três áreas distintas, uma na Rua do Terreiro do Trigo com a designação de CVM-RTT e duas no Largo do Terreiro do Trigo, respectivamente EE-TT e CVM-LTT<sup>2</sup>, permitiram detectar níveis

de aterros datáveis do século XVI onde se recolheu um conjunto significativo de majólicas italianas (Fig. 1).

## INTERVENÇÃO NOS CONTEXTOS DA RIBEIRA DO SÉCULO XVI

A intervenção arqueológica incidiu sobre uma área compreendida entre a Rua do Cais de Santarém e sensivelmente metade da extensão da Rua do Terreiro do Trigo, incluindo o Largo do Terreiro do Trigo e o início da Travessa de São João da Praça, abrangendo algumas das freguesias mais nucleares da cidade de Lisboa: Sé, São Miguel e Santo Estêvão. Esta zona, já na base da encosta de Alfama que sobe até ao castelo, corresponde ao que até ao início da Idade Moderna se poderia caracterizar como praia, uma margem de terra exterior às muralhas da cidade, que encontrava o seu limite no rio Tejo e onde não existiriam estruturas portuárias propriamente construídas mas apenas alguns locais conhecidos onde as embarcações costumavam ancorar (Blot, 2003, p. 242). Aqui se desenrolariam actividades directamente ligadas ao rio e ao abastecimento de água, no qual o Chafariz de El-Rei desempenharia um papel fundamental, em associação com o Chafariz de Dentro um pouco mais a Este e como o nome indica no interior do perímetro amuralhado.

1. Para uma abordagem mais aprofundada sobre a intervenção veja-se *Uma aproximação à Ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo. Os novos espaços da cidade Moderna*.

2. O nome que usámos para identificar as áreas que foram alvo de escavação arqueológica respeita à forma como foram designadas no projecto da obra, onde seriam construídas infra-estruturas específicas do sistema de saneamento em questão. Assim, por CVM-RTT entenda-se Câmara de Válvula de Maré da Rua do Terreiro do Trigo, EE-TT significa Estação Elevatória do Terreiro do Trigo e CVM-LTT Câmara de Válvula de Maré do Largo do Terreiro do Trigo.



1. Locais da intervenção onde foram recolhidas majólicas italianas: 1 – Largo do Terreiro do Trigo, EE-TT; 2 – Rua do Terreiro do Trigo, CVM-RTT; 3 – Largo do Terreiro do Trigo, CVM-LTT; 4 – Travessa de S. João da Praça; 5 – Rua do Cais de Santarém, vala 4.2; 6 – Largo do Terreiro do Trigo, vala 4.4/5; 7 – Rua do Terreiro do Trigo, vala 3.

Entre os finais do século XV e inícios do século XVI esta zona, também conhecida como a *Ribeira*, vai receber grandes obras sob direcção régia, que implicam a realização de grandes aterros para conquistar terras ao rio e, terão como resultado uma profunda reestruturação da cidade. É na Ribeira que serão construídos os principais edifícios e equipamentos ligados às viagens e comércio ultramarino, e consequentemente os edifícios representantes do poder régio e municipal. Na Ribeira das Portas do Mar, a Este do Terreiro do Paço, Alfândega e Terreiro do Trigo manuelino, funcionará o principal mercado dos víveres a partir da segunda metade do século XVI (Caetano, 2004, p. 157-159). O actual Largo do Terreiro do Trigo, continuação para Este da área ocupada pelo mercado, teria a designação própria de Campo da Lã, onde teriam lugar actividades de curtimento, lavagem e secagem de peles (Silva, 1987, p. 114), que beneficiavam da proximidade das nascentes de água aqui existentes e do próprio rio.

O acompanhamento e escavação arqueológica revelaram sob níveis de ocupação datáveis genericamente entre o século XVII e o Terramoto de 1755, uma larga sucessão de camadas de aterro até ao substrato geológico de areolas, que apenas se observou no Largo do Terreiro do Trigo a cerca de 5 m de profundidade. Os depósitos pareciam suceder-se de forma bastante linear, intercalando-se entre sedimentos negros com elevada concentração de matéria orgânica e sedimentos esbranquiçados arenosos (fig. 2). Quer no caso da escavação na CVM-RTT quer no da CVM-LTT se de-

tectou a existência de grandes infra-estruturas de saneamento em pedra não afeiçãoada e ligada por uma argamassa extremamente arenosa sob depósitos que partilhavam estas mesmas características<sup>3</sup>. O espólio associado a estes depósitos centrava-se perfeitamente no século XVI e foi maioritariamente nestes contextos que se recolheu o conjunto de fragmentos de majólica italiana que iremos analisar.

## MAJÓLICAS DO TERREIRO DO TRIGO

O conjunto é composto por noventa e sete indivíduos, dos quais não existe nenhuma peça completa, mas onde se incluem bastantes fragmentos de dimensões significativas para aferir formas e temas decorativos recorrentes neste tipo de cerâmicas.

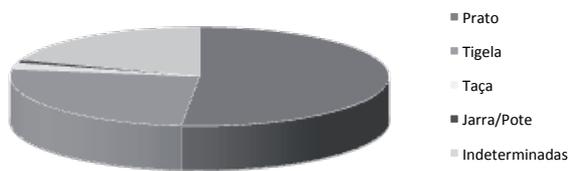
As majólicas italianas distinguem-se facilmente entre as restantes produções que encontramos nos contextos quinhentistas desta intervenção. Caracterizam-se pelas suas pastas bastante depuradas e compactas, esmalte de boa qualidade, muito homogéneo e suave ao toque, e pela policromia e novos motivos utilizados na decoração, diferenciando-se claramente das produções sevilhanas mais sóbrias que têm também

3. Denote-se que o projecto da SIMTEJO visava interceptar um destes caneiros na CVM-LTT, que se encontrava ainda em funcionamento. Na CVM-RTT visava-se interceptar uma manilha do século XX que se encontrava exactamente ao lado de um grande caneiro que apenas se detectou na escavação arqueológica e por onde ainda circulavam pelo menos águas pluviais.



2. Depósitos de aterros enegrecidos no Largo do Terreiro do Trigo, onde se recolheu um número significativo de majólicas italianas.

Prato	Tigela	Taça	Jarra/Pote	Indeterminadas	Total
50	25	2	1	19	97



3. Distribuição de formas pelo total de n.º de indivíduos do conjunto.

lugar de destaque entre as importações observadas nesta fase. O repertório formal não é muito diversificado, assumindo-se principalmente como uma loiça para serviço de mesa onde se destacam as formas abertas (fig. 3), maioritariamente pratos e tigelas, de dimensões relativamente pequenas.

Os centros produtores identificados são comuns aos que maioritariamente se têm verificado nos destinos de exportação, à partida centros urbanos onde existam camadas de população mais abastada, próximos dos principais eixos comerciais marítimos. A grande maioria do conjunto consiste em produções da Toscana, geralmente atribuídas a Montelupo, mas também de Deruta, na região da Úmbria, e da Ligúria, para além de alguns fragmentos cuja dimensão ou tipo de decoração não permitiu uma identificação segura (fig. 4)<sup>4</sup>.

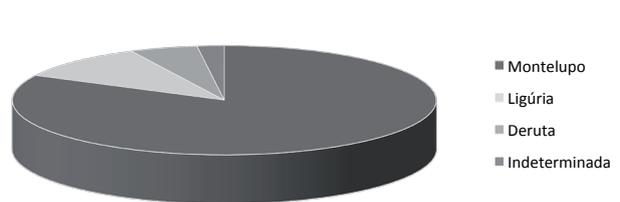
## MONTELUPO

Distinguiram-se oitenta peças que, pelo tipo de pasta e decoração, se podem identificar como produções de Montelupo. Apresentam pastas extremamente depuradas, de textura suave e mesmo polvorenta, de coração que pode variar entre o branco marfim e o bege rosado. Os esmaltes são de boa qualidade, homogêneos e brilhantes num tom branco leitoso.

As formas incluem os pratos, mais ou menos fundos, de bordo ligeiramente extrovertido e lábio arredondado, paredes bastante esvazadas e um característico fundo em disco de base plana. As tigelas são normalmente de bordo em aba, lábio arredondado, corpo hemisférico e fundo em ônfalo. Distinguiram-se duas taças, com diâmetro de bordo inferior ao da generalidade das tigelas, corpo mais profundo e cilíndrico e bordo ligeiramente

4. Utilizámos como referência fundamental para a classificação das majólicas o trabalho de Raffaella Carta (2003) sobre o conjunto recolhido no Alhambra, Granada, não só pelo volume significativo daquele espólio como também pelas semelhanças com o conjunto recolhido no decorrer desta intervenção, sendo exemplificativo das cerâmicas italianas que chegam aos centros de importação da Península Ibérica.

Montelupo	Ligúria	Deruta	Indeterminada	Total
80	10	5	2	97

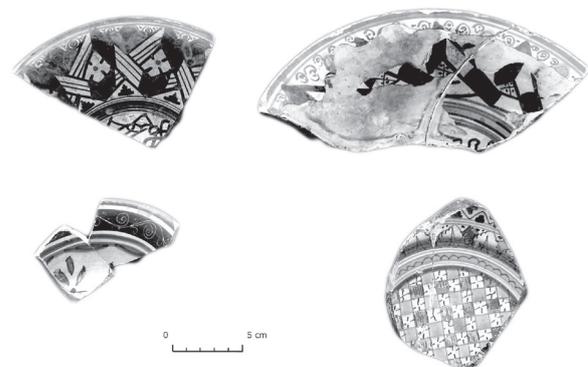


4. Distribuição dos centros produtores identificados pelo total de n.º de indivíduos do conjunto.

extrovertido e lábio arredondado. Parece igualmente pertencer a este grupo o único fragmento que atribuímos a uma forma fechada, cujas dimensões reduzidas não permitem avançar com exactidão a que tipo de peça corresponderia, podendo tratar-se talvez de uma pequena jarra ou pote.

Estão representados neste conjunto alguns dos principais temas decorativos comumente associados às majólicas de Montelupo com produção entre os finais do século XV e os inícios do século XVII, que podem ser encontrados em centros de importação como o Porto (Dordio, Teixeira e Sá, 2001, p. 134, fig. 7), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 233, cat. 201 e 204), Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 185, 192-193), Santiago de Compostela (Castro Lorenzo, 2009, p. 142-143) ou Granada (Carta, 2003, p. 38-43).

O tema decorativo mais representado neste conjunto, sobre vinte e um exemplares, consiste em motivos vegetalistas estilizados ou simplesmente geométricos esgrafitados sobre uma banda horizontal azul escura, e por isso designado como decoração "a blu graffito". Conjugam-se muitas vezes com outras bandas a amarelo, verde e novamente azul. É mais frequente imediatamente abaixo do bordo de pratos (Est. I.1) ou sobre a aba das tigelas (Est. I.3), embora existam exceções e também se possa aplicar junto ao fundo (Est.

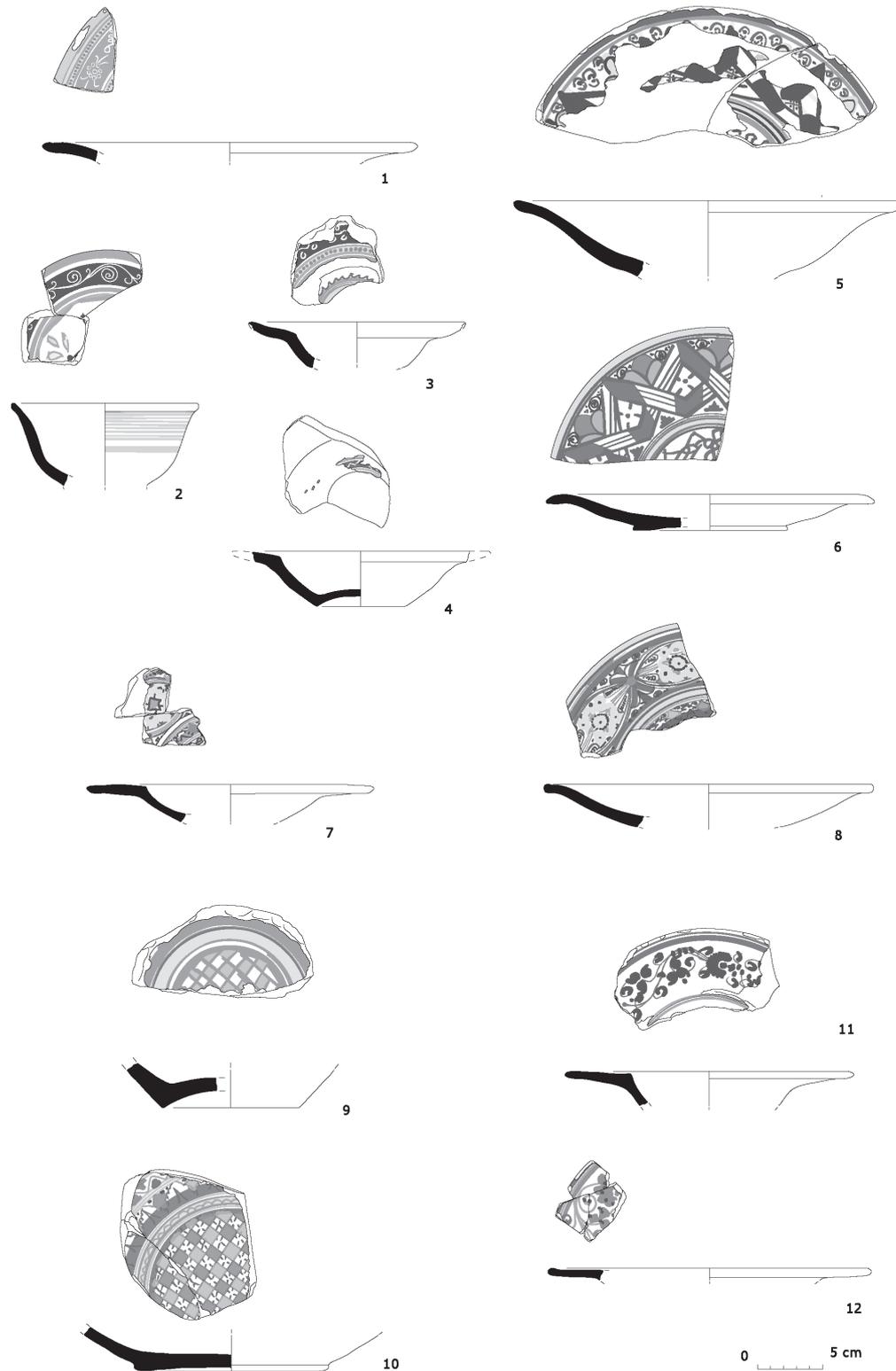


5. Majólicas de Montelupo decoradas "a nastri spezzati", "a blu graffito" e "a scacchiera policroma".

I.4). Inserem-se ainda neste grupo duas taças onde se observou decoração na face exterior, sob a forma de sucessivas bandas azuis horizontais (Est. I.2). Tem-se atribuído uma cronologia bastante restrita para a sua produção entre os finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Carta, 2003, p. 40).

O motivo decorativo "a nastri spezzati" encontra-se representado sobre nove peças, todas elas pratos<sup>5</sup> (Est. I.5-6). A decoração consiste em duas largas bandas que-

5. Apenas um indivíduo levanta dúvidas quanto à sua forma por se tratar de um fragmento demasiado pequeno, tendo-se definido como "forma indeterminada".



Est. I – Majólicas de Montelupo: 1-4: decoração "a blu graffito"; 5-6: decoração "a nastri spezzati"; 7-8: decoração "a rombi e ovali"; 9-10: motivo central "a scacchiera policroma"; 11-12: decoração azul "alla porcellana".

bradas a azul que se vão entrecruzando horizontalmente a toda a volta do interior das paredes, logo abaixo do bordo. Os pontos onde as bandas se cruzam são complementados por elementos semicirculares pintados a verde e vermelho e traços azuis estilizados em forma de pequenas espirais. Para estas produções, aponta-se uma cronologia alargada para todo o século XVI podendo chegar aos inícios do século XVII (*ibidem*, p. 39).

Sete peças apresentam decoração "a rombi e ovali", elementos dispostos horizontalmente abaixo do bordo que sugerem flores ou "diamantes" a amarelo inseridos em óvulos delimitados a azul (Est. I.7-8). Aparecem conjugados com pequenos losangos preenchidos a vermelho e verde junto ao fundo. Sabemos que se costumam conjugar com um motivo central sobre o fundo, tal como acontece nos temas anteriormente descritos, mas não dispomos de nenhum perfil completo para este caso. As cronologias centram-se nos finais do século XV e primeira metade do século XVI pela presença de vermelho (*ibidem*, 39). Do mesmo período se consideram os motivos centrais "a scacchiera policroma", axadrezado preenchido a verde e vermelho, dos quais temos quatro exemplares de fundos, desconhecendo os motivos que se estenderiam no restante da peça (Est. I.9-10).

Sobre a aba do bordo de duas tigelas observa-se um tipo de decoração conhecido como "alla porcellana", composto de motivos vegetalistas estilizados pintados exclusivamente a azul (Est. I.11-12). São produções atribuídas igualmente aos finais do século XV e primeira metade do século XVI (*ibidem*, p. 41). Também pintados a azul são os motivos "a nodo orientale" e outros que parecem ser suas derivações, surgindo como tema central no fundo ou sobre as paredes, podendo pelo menos no primeiro caso conjugar-se com outros temas. É o caso de um prato decorado "a nastri spezzati" e "nodo orientale" sobre o fundo (Est. I.6).

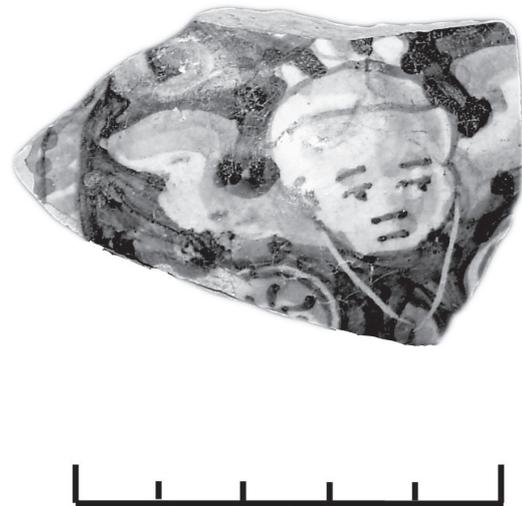
Quatro fragmentos de fundos apresentam ainda motivos figurativos ou de paisagens com ondas do mar ou vento estilizado (fig. 6), em que as suas dimensões reduzidas não permitem uma compreensão mais completa sobre o motivo, podendo-se enquadrar num estilo mais tardio dos finais do século XVI e inícios do século XVII, precisamente apelidado de "figurato tardo" (*ibidem*, p. 42).

Finalmente, diversos exemplares possuem decorações que não conseguimos enquadrar propriamente num estilo definido. Destaca-se sobre a única forma fechada do conjunto a representação da face de um anjinho ("putto") sobre um fundo azul, com elementos amarelos e verdes (fig. 7), utilizando exactamente os mesmos tons característicos das produções de Montelupo do século XVI. É de notar também a presença de alguns

pratos de fundo em disco com motivos centrais como uma flor (fig. 8), uma jarra ou escudo e um medalhão preenchido a amarelo com flores vermelhas. Sobre as paredes de alguns pratos desenham-se também motivos geométricos ou vegetalistas preenchendo a quase totalidade da superfície.



6. Majólica de Montelupo com decoração no estilo "figurato tardo".



7. Fragmento de forma fechada de majólica de Montelupo com figuração de "putto".

## LIGÚRIA

As produções do século XVI da região da Ligúria também se encontram representadas no conjunto das majólicas recolhidas nesta intervenção, apesar de com muito menor expressão que as de Montelupo. Tratam-se de dez indivíduos, todos eles revestidos a esmalte azul claro designado de "berettino" com motivos decorativos pintados a azul escuro (Est. II.1-5).

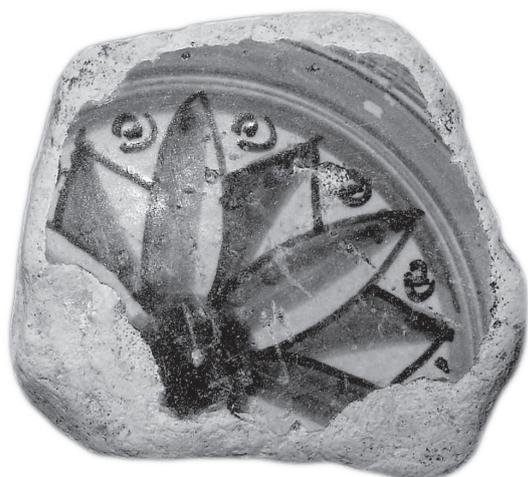
Caracterizam-se pelas suas pastas compactas e depuradas, de textura ligeiramente rugosa, em tons bege

amarelados. O esmalte é espesso, homogéneo e bastante resistente, notando-se perfeitamente a linha de diferença entre este e a pasta. As formas presentes resumem-se a pequenos pratos fundos, de bordo extrovertido e lábio arredondado, com fundo de base plana e um pequeno pé anelar.

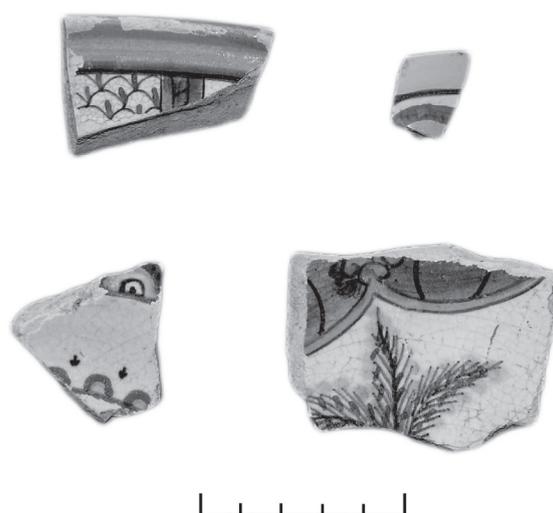
Este grupo de majólicas obteve também grande sucesso nos destinos de exportação e pode ser encontrado nos mesmos contextos que as cerâmicas de Montelupo, como sucede no Porto (Dordio, Teixeira e Sá, 2001, p. 134, fig. 7), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 233, cat. 202-203, 207), Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 187-188), Alcoutim (Gradim, 2005, p. 201, fig. 30) ou Granada, em Espanha (Carta, 2003, p. 31-34).

Os fragmentos mais completos de que dispomos apresentam decorações características destas produções. Sobre a face exterior das paredes entrecruzam-se sucessivas linhas curvas que terminam junto ao pé (Est. II.1-2, 5), motivo conhecido como "a cespo o a cestino" (*ibidem*, p. 34).

Na face interior das peças observa-se logo abaixo do bordo um tipo de decoração simples, formada por linhas horizontais completadas por sucessões de pequenos arcos (Est. II.1), ou no estilo "calligrafico a volute di tipo C" com duas sequências paralelas de folhas estilizadas sobre uma linha horizontal entre ambas (Est. II.2). Sobre o fundo afiguram-se temas decorativos centrais, dos quais temos os exemplos de um



8. Majólica de Montelupo com motivo decorativo central com uma flor.



9. Majólicas de Deruta.

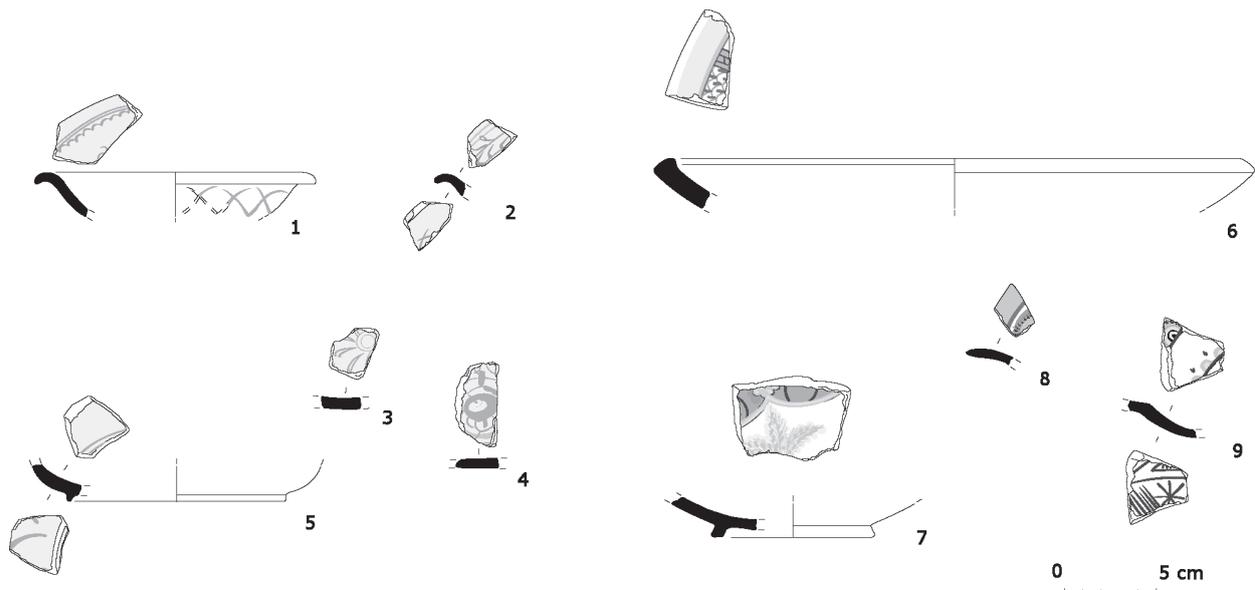
motivo em flor (Est. II.3) e um motivo "calligrafico a volute di tipo B", estilo de composição de linhas de forma bastante abstracta, fazendo lembrar uma "distorção" de caligrafia ou de motivos vegetalistas (Est. II.4).

#### DERUTA

Deste centro produtor na região da Úmbria chegamos apenas cinco exemplares, o que aliás se coaduna com a fraca presença deste grupo também entre outros destinos onde se verifica a presença de majólicas italianas.

Diferenciam-se das outras produções pela sua pasta bege mais alaranjada ou rosada, bastante compacta e algo rugosa. Os esmaltes são homogéneos, bastante finos e brilhantes, encontrando-se por vezes ligeiramente estalados sobre as zonas brancas não pintadas. Tratam-se em todos os casos de formas abertas e apresentam decorações bastante diferenciadas (fig. 9).

Faz parte deste grupo um prato de bordo espessado e introvertido, de largo diâmetro com 33 cm, com decoração dividida por sectores ou "quartieri" sobre a parede (Est. II.6), que se atribui aos inícios do século XVI (*ibidem*, p. 44). Num destes sectores é visível um motivo de arcos azuis e pequenos traços a laranja, assemelhando-se a uma representação de escamas. A face exterior foi totalmente preenchida num tom amarelo pálido que se estendia ainda sobre o lábio. Existe um fragmento de fundo de um prato de pé anelar pronunciado (Est. II.7), com o mesmo tipo de decoração a amarelo no exterior e um motivo vegetalista no interior, que repete os pequenos traços a laranja sobre uma planta ou arbusto. Não se devem tratar da mesma peça, pois a espessura da parede do fragmento junto ao bordo é significativamente maior que a do junto ao fundo.



Est. II – Majólicas em esmalte “berettino” da Ligúria (1-5) e de Deruta (6-9).

Um motivo decorativo usual nestas produções é a representação de “olhos de penas de pavão”, como surge também entre os exemplares de Granada, aparecendo sobre um fragmento de bordo de um pequeno prato ou tigela (Est. II.8) e sobre a parede de uma pequena tigela de bordo em aba (Est. II.9). Nesta, a face exterior da parede recebe uma decoração estilizada em traços paralelos e uma estrela pintados a azul, também dividida por sectores.

## CONCLUSÕES

A presença de um conjunto de majólicas italianas do século XVI em contextos Modernos no centro histórico de Lisboa não é de todo um fenómeno não expectável. De facto, seria de prever que a uma cidade que funcionou como um dos principais portos dos eixos comerciais marítimos, sobretudo entre os finais do século XV e a primeira metade do século XVI, afluíssem com alguma facilidade os produtos que no resto da Europa eram vistos como objectos de algum prestígio e logo, se tornaram moda. Chegam aos mercados portugueses a par das abundantes cerâmicas sevilhanas, e mais raramente das produções de louça dourada valenciana, revelando o activo eixo comercial Mediterrânico que tem como Sevilha um centro produtor e distribuidor fundamental<sup>6</sup>. As rotas mediterrânicas continuam

neste período a fazer circular algumas das cerâmicas de prestígio que chegam às mesas dos habitantes mais abastados de Lisboa, contrabalançado apenas pela introdução das altamente requisitadas porcelanas chinesas através da rota do Cabo.

O estudo desta colecção é pertinente para a compreensão não só do comércio da cerâmica em Portugal durante o século XVI, mas também do ambiente cultural que então se vivia. Para além do alargamento dos mercados, denota-se a aceitação de uma nova estética renascentista. O enorme sucesso das produções de Montelupo revela a descoberta pelo gosto da policromia, explorando tons de azuis intensos, amarelos e verdes. Simultaneamente a adopção dos motivos figurativos representados nas majólicas, quer de Montelupo, Ligúria ou Deruta, constituem uma novidade relativamente às cerâmicas valencianas de estética mudéjar em apogeu na centúria anterior.

Do ponto de vista arqueológico, a associação sistemática destas cerâmicas a contextos de aterros situados no exterior das muralhas medievais da cidade é um importante indicador cronológico das grandes obras efectuadas na *Ribeira* de Lisboa durante o século XVI. O aparecimento de um considerável conjunto de peças com decorações características da primeira metade do século XVI aliadas a outras, em muito menor volume, que apenas surgem após os seus meados, situa os mesmos contextos já nas primeiras décadas da segunda metade do século XVI, momento em que este espaço urbano começa a ser mais intensamente utilizado.

6. Ao invés da louça sevilhana extremamente sóbria, com um público muito mais abrangente, as cerâmicas valencianas continuam a ter ainda no século XVI alguma expressão nas mesas mais ricas, tendo-se recolhido no Terreiro do Trigo nos mesmos contextos que a majólica italiana, ainda que em número extremamente reduzido. Continuam a chegar a alguns dos outros centros urbanos do país, como é o caso do Porto (Dordio, Teixeira e Sá, 2001, p. 133).

## BIBLIOGRAFIA

BLOT, M. L. (2003) – *Os Portos na Origem dos Centros Urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

CAETANO, C. (2004) – *A Ribeira de Lisboa. Na Época da Expansão Portuguesa (Séculos XV a XVIII)*. Lisboa: Pandora.

CARTA, R. (2003) – *Cerámica italiana en la Alhambra*. Granada: Grupo de Investigación Toponimia, Historia y Arqueología del Reino de Granada.

CASTRO LORENZO, M. L. (2009) – La vajilla de lujo en Santiago de Compostela en los siglos XVI y XVII: aportaciones de la arqueología. *Revista de Estudios Provinciais*. Pontevedra. 22, p. 123-158.

DORDIO, P.; TEIXEIRA, R. e SÁ, A. (2001) – Faianças do Porto e Gaia: O recente contributo da arqueologia. *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Lisboa: Instituto Português dos Museus, p. 117-166.

FERNANDES, I. e CARVALHO, R. (1998) – Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela. *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 211-255.

GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1996) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV - XVI do Poço-Cisterna de Silves. *Xelb. Silves*. 3, p. 143-205.

GRADIM, A. (2005) – Um conjunto de Faianças da Vila de Alcoutim. *Portugalia*. Porto. Nova Série. Vol. XXVI, p. 175-205.

SILVA, A. V. da (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*. Vol. II. 2.ª edição. Lisboa: CML.

# PRODUÇÕES SEVILHANAS – AZUL SOBRE BRANCO E AZUL SOBRE AZUL

NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES ECONÓMICAS E COMERCIAIS  
ENTRE O LITORAL ALGARVIO E A ANDALUZIA (SÉCULO XVI-XVII)

**PAULO BOTELHO** Arqueólogo, AES Arqueologia, Lda.

**RESUMO** No contexto arqueológico do litoral Algarvio surgem, com frequência, exemplares de produções sevilhanas azul sobre branco e azul sobre azul, enquadráveis entre a primeira metade do século XVI e segunda metade do século XVII. A investigação arqueológica mostrou-nos a necessidade de uma análise mais profunda das relações comerciais e económicas entre a Andaluzia e o litoral Algarvio neste período.

**PALAVRAS-CHAVE** Algarve, Andaluzia, economia, cerâmica, Sevilha

## 1. RELAÇÕES ECONÓMICAS E COMERCIAIS ENTRE O LITORAL ALGARVIO E A ANDALUZIA

Situado no extremo Sul de Portugal continental, entre o Mediterrâneo e o Atlântico, o Algarve surge como uma região particularmente dinâmica no mapa ibérico do período moderno.

Com a conquista das praças Norte africanas, no século XV, a região passa a assumir um papel de relevo na nova estratégica régia, transformando-se na principal plataforma logística de apoio a estes territórios.

A presença portuguesa em Marrocos passa a permitir um maior controlo sobre as águas do golfo ibero-marroquino, alargando as zonas de pesca e fomentando a navegação por cabotagem, favorecendo deste modo, a reabilitação das antigas rotas comerciais existentes entre o Mediterrâneo e o Norte da Europa, anteriormente assoladas pela pirataria magrebina (Pereira, 2008, p. 90).

A proximidade geográfica do Algarve com a Andaluzia e a rede de interesses (Magalhães, 1970, p. 185 e Martins, 2007, p. 75) permitiram o estreitamento das relações económicas entre as duas regiões baseadas na exportação de frutos secos, azeite, vinho, atum e panos (Iria, 1988, p. 39) e na importação de trigo, elemento basilar na alimentação quotidiana da população e do qual a região não era auto-suficiente. Simultaneamente, ao longo dos séculos XV-XVI, a Andaluzia transforma-se progressivamente no principal “armazém” (Serrão, 1978, p. 327) do Sul de Castela, de abastecimento de Portugal e das novas praças, levando a instalação de uma rede de feitores por toda a An-

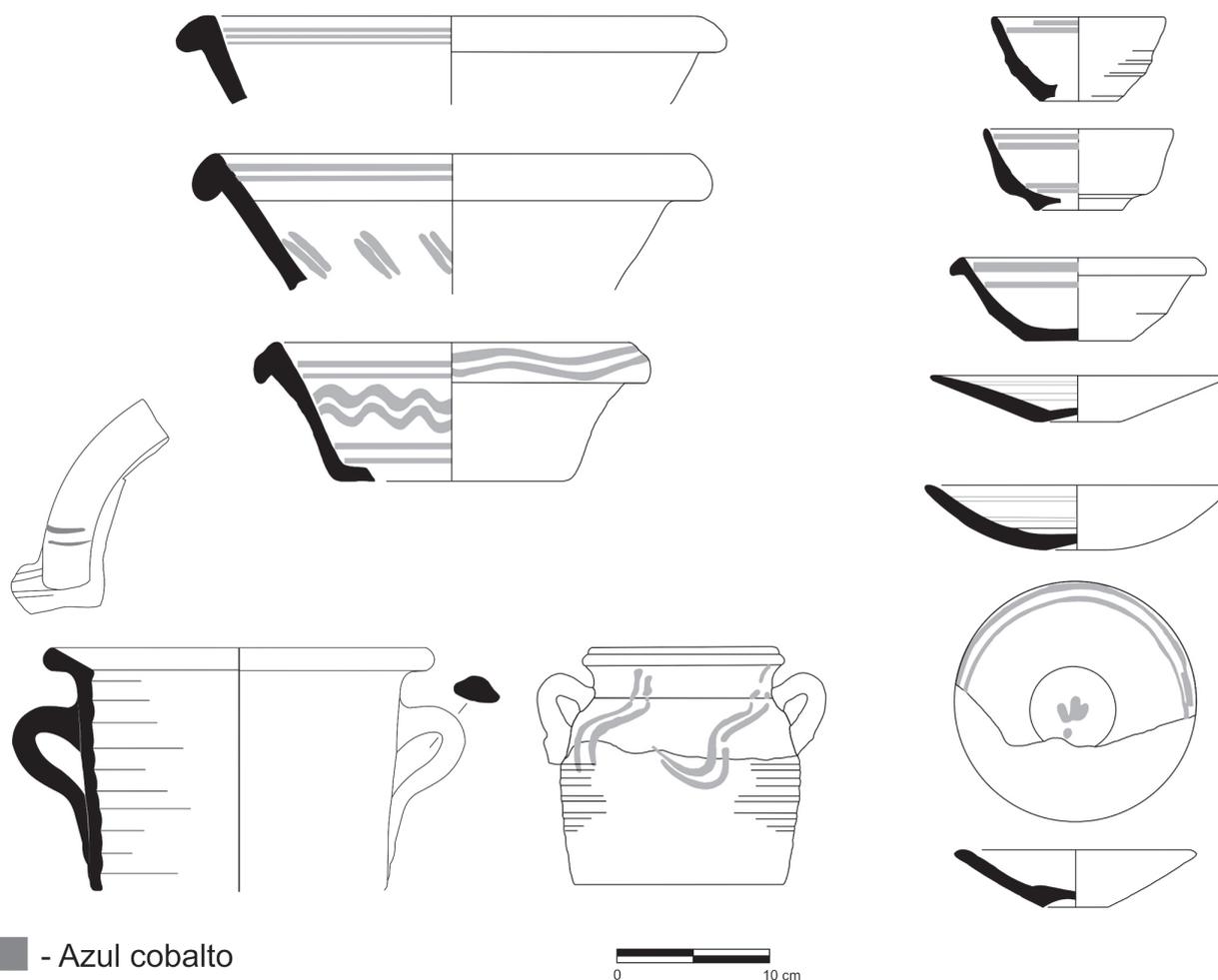
daluzia, Cádiz, Málaga, Porto de Santa Maria, Sevilha, os quais comercializam sobretudo com o Algarve (Serrão, 1978, p. 327).

O abandono das praças no Norte de África, com D. João III (Serrão, 1978, p. 326) e a fuga dos agentes comerciais e económicos estabelecidos nos principais núcleos urbanos algarvios de Faro, Lagos, Tavira e Vila Nova de Portimão, para Sevilha, devido à elevada carga fiscal sobre maior parte dos produtos, levando o Algarve a entrar num período de contracção económica, progressiva ruralização (Curvelo e Pais, 2008, p. 94) e de perda de ligações comerciais.

Com a União Ibérica (1580-1640) e a consequente tomada dos principais portos algarvios pela frota castelhana em 1580, a região passa a ter um papel fulcral a nível geo-estratégico para Castela, no sistema de comunicações e comércio com as Índias Ocidentais (Lorenzo, 1999, p. 24), permitindo igualmente, um maior controlo sobre as rotas comerciais que uniu os Países Baixos, rebeldes com a Europa Meridional. No entanto, a sua presença não teve os resultados esperados, dado que a região rapidamente se converteu num forte foco de contrabando, enfraquecendo gravemente o monopólio de Castela sobre a Carreiras das Índias, durante o período vigente da União Ibérica (Lorenzo, 1999, p. 24).

## 2. UMA CIDADE, DOIS MUNDOS CERÂMICOS

As trocas comerciais entre o Algarve e Andaluzia não se cingiam somente aos bens designados de primeira ne-



■ - Azul cobalto

1. Sevilha Azul Linear – Síntese formal e decorativa (Gutierrez, 2000, p. 55 e Pleguezuelo, 1995, p. 239).

cessidade, existiam igualmente uma série de produtos manufacturados, designadamente a louça e a cerâmica (Otte, 1982, p. 226) figurando esta em sexto lugar nas exportações sevilhanas, com certa de 14 carregamentos durante o século XVI, nove dos quais com destino a Lisboa e ao Algarve. Em 1495, há notícia de um oleiro do Bairro de Triana, o qual fretou um navio carregado com 600 vasos de louça com destino ao Algarve, de Castro Marim a Lagos (Otte, 1996, p. 54). Com a conquista das Índias Ocidentais Sevilha sofre uma transformação profunda, convertendo-se no principal centro mercantil do reino, favorecendo a prosperidade dos mercadores estrangeiros ali estabelecidos, devido em grande parte à chegada do ouro e da prata do Novo Mundo a Castela. Com a ampliação do mercado, e subsequente aumento da procura levou ao desenvolvimento de algumas actividades artesanais, entre elas a produção de cerâmica, afectada pela alteração de gostos, fruto da entrada de pessoas e mercadorias oriundas das mais diversas proveniências. Com efeito, em meados do século XVI assiste-se a uma profunda transformação a nível tecnológico e

estético, das produções sevilhanas. Com a chegada de oleiros italianos, na cidade de Sevilha estabelece-se uma dicotomia entre a tradição de influência mourisca e a modernidade introduzida pelos artífices italianos, com formas e decoração de matriz renascentista. Ao longo do século XVI, assiste-se a uma crescente disseminação das produções sevilhanas um pouco por todo o Mediterrâneo, no Norte da Europa e sobretudo, pelas Índias Ocidentais. As intervenções arqueológicas realizadas nas últimas décadas na região do Algarve proporcionaram a descoberta de um vasto espólio cerâmico ainda por estudar, sendo de destacar as produções de origem andaluza, evidenciando desta forma as fortes ligações comerciais entre as duas regiões. Entre estas produções identificadas em contextos arqueológicos algarvios, datados dos séculos XVI-XVII, destacam-se dois grandes conjuntos: as de influência mourisca, onde se englobam as produções azul e morado ou "Isabela Polychrome", azul lisa ou "Caparra Blue", Columbia plain, azul figurativo ou "Santo Domingo Blue on White", azul linear ou "Yayal blue on White", preto

linear e melado; e as de influência italianizante, onde se englobam as produções loiça branca, Sevilha azul sobre branco “Sevilla blue on White”, Sevilha azul sobre azul ou “Sevilla blue on blue”, bicolor ou “Sevilla Polychrome”.

Destes dois grupos, destacam-se duas produções, quer pela sua dispersão geográfica, quer pela sua representatividade a nível quantitativo nos conjuntos cerâmicos que as integram. As produções de azul sobre branco de tradição islâmica, as quais se encontram divididas em sub-grupos o azul figurativo ou *Santo Domingo Blue on White* e azul linear ou *Yayal Blue on White* e a produção de influência ligur, azul sobre azul.

O conjunto em estudo não possui um carácter sistemático, nem é uma representação de um todo, dado que nos circunscrevemos as realidades registadas na bibliografia existente, em alguns exemplares por nós recolhidos por alguns investigadores que têm trabalhado um pouco por todo o Algarve.

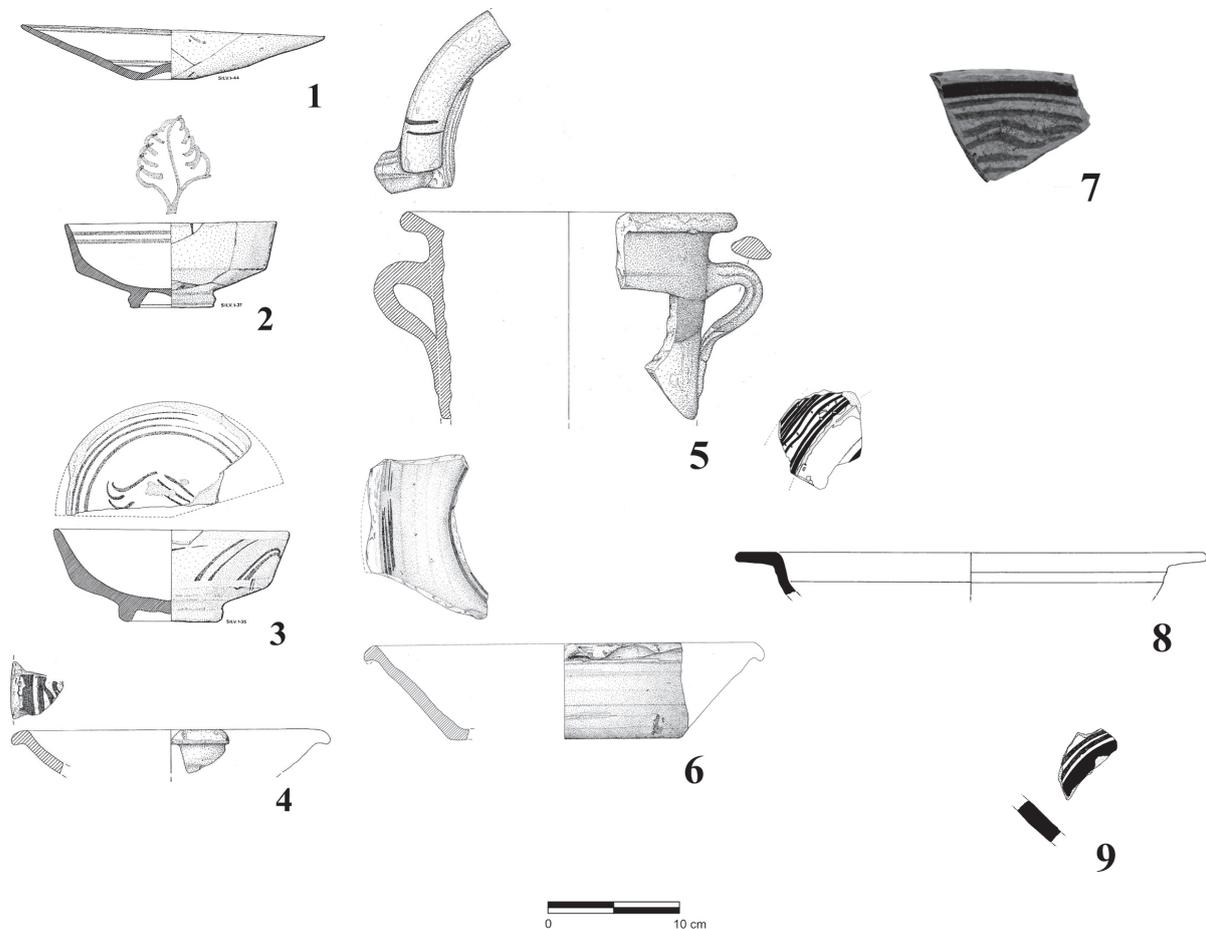
### 2.1 Produções azul sobre branco de influência mourisca

Os primeiros estudos sistemáticos destas produções foram realizados por John Goggin, o qual, após duas

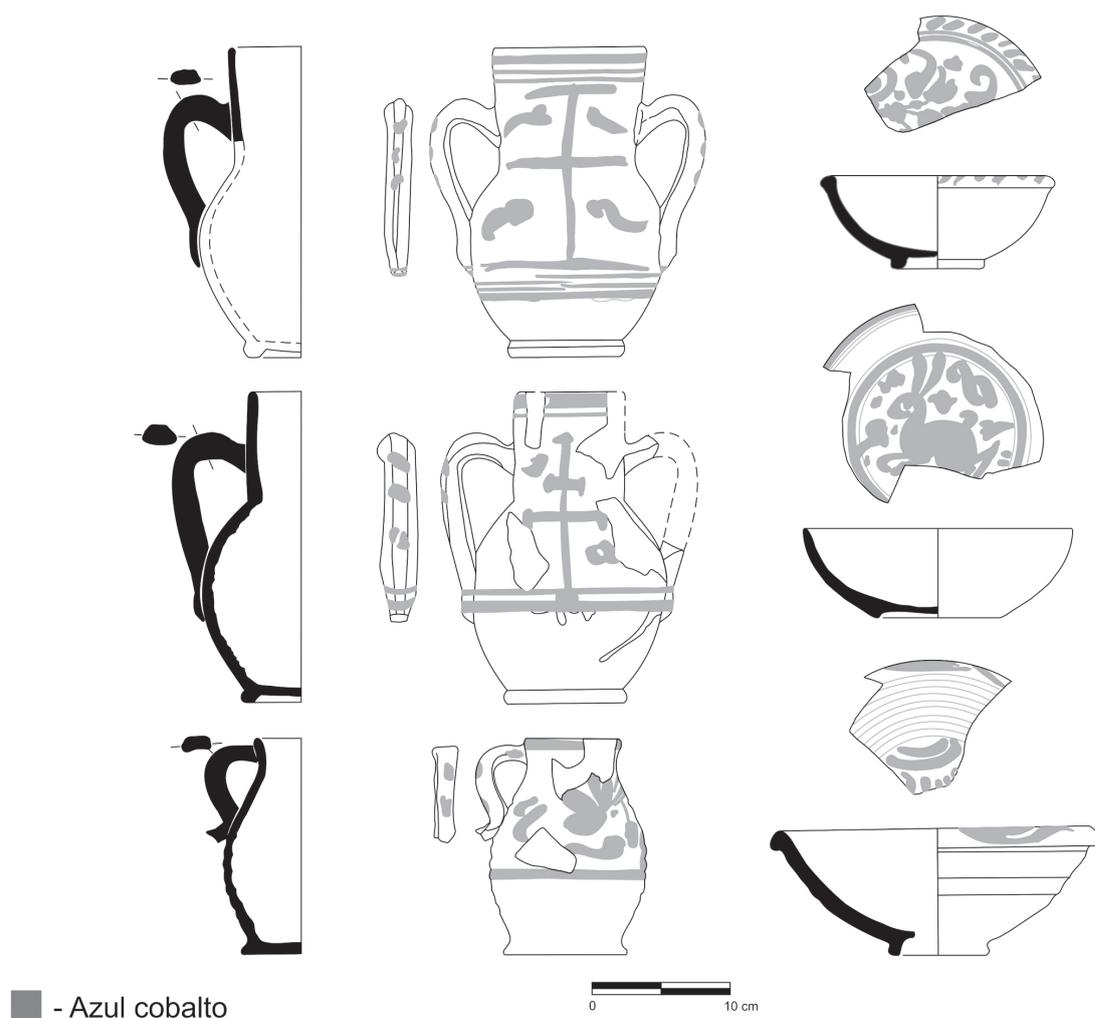
décadas de análises de diversos arqueossítios localizados na costa Sudoeste dos Estados Unidos da América e nas Caraíbas, publicou em 1968, o obra *Spanish Majolica in the New World. Types of the Sixteenth to Eighteenth Centuries*, tendo sido reeditada posteriormente com contribuições de Lister e Lister (Lister e Lister, 1982), Deagen (Deagen, 1987) permanecendo até hoje como obra de referência no estudo das produções cerâmica sevilhana. Mais recentemente o desenvolvimento dos estudos arqueométricos – análises petrográficas e químicas – tem contribuído com novos dados para o estudo destas produções (Olin *et al*, 1978, Maggetti *et al*, 1984, Olin e Blackman, 1989).

Entre aquelas identificadas por J. Goggin, destacam-se as de influência mourisca, caracterizadas pela utilização de pastas de textura granulada, de cor amarelada ou bege e ambas as superfícies cobertas por vidro à base de óxido de estanho (vidrado estanhífero).

O presente trabalho incide sobre as produções azul sobre branco, as quais foram subdivididas em duas classes: *Azul Linear* (Pleguezuelo e Lafunte, 1995, p. 236) ou *Yayal Blue on White* (Goggin, 1968) e *Santo Domingo Blue on White* (Goggin, 1968) ou *Azul Figurativo* (Pleguezuelo e Lafunte, *op cit*, p. 237).



2. Sevilha Azul Linear (exemplares reconhecidos na região algarvia) – 1-3 Poço-Cisterna – Silves (Gomes e Gomes, 1996, p.); 4-5 Rua do Compromisso, n.º 24 - Faro (Botelho, Ferreira e Paes, 2008, p. 45-46); 6 Casa do Despacho – Tavira (Botelho e Paulo, 2010, p. 765); 7 Convento das Bernardas – Tavira (Cavaco e Covaneiro, 2010, p. 654); 8-9 Casa dos Condes – Alcoutim (Gardim, 2005, p. 201).



3. Sevilha Azul Figurativo – síntese formal e decorativa (Gutierrez, 2000, p. 54).

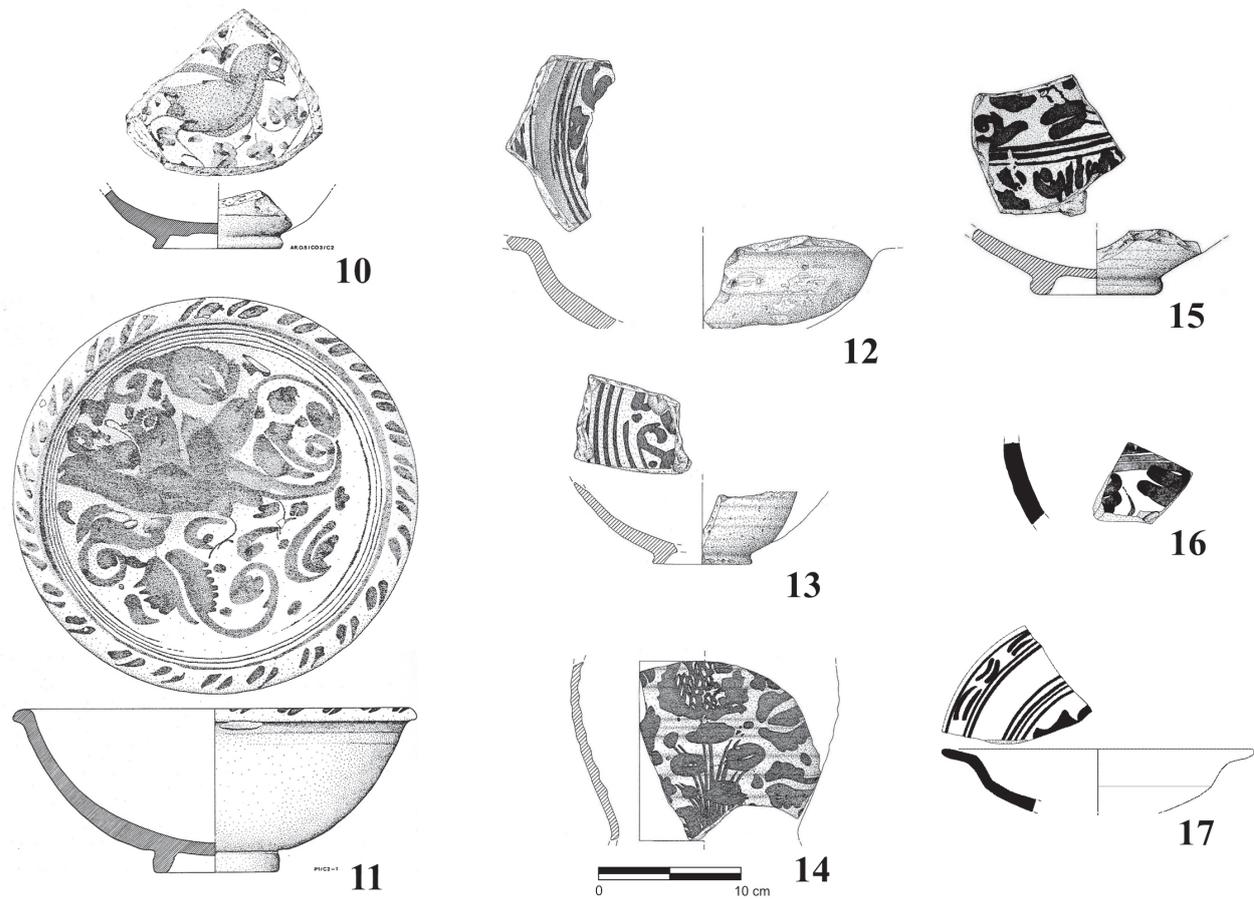
No primeiro grupo, talvez o mais difundido entre a segunda metade do século XV e ao longo do século XVI, surgem frequentemente documentados pratos com paredes oblíquas, sub-verticais e finas, bases côncavas, marcadas no interior com ônfalo, sem saliente e em alguns exemplares rodeados com ressalto que delimita o fundo; as escudelas apresentam genericamente duas tipologias, as hemisféricas achatadas, com fundos planos ou ligeiramente côncavos e as carenadas com bases reentrantes ou assentam em pé alto e anelar; as bacias apresentam paredes oblíquas que assentam em fundos planos; e vasos de noite ou bispotes os quais apresentam corpo de forma cilíndrica, bordo em aba e assentam em base plana.

A nível decorativo o anverso apresenta diversas variantes, entre linhas paralelas concêntricas, linhas onduladas – linhas concêntricas paralelas que alternam com linhas onduladas, formando em alguns casos linhas entrelaçadas, linear figurativo – linhas concêntricas paralelas que alternam com motivos figurativos, delimitando o bordo ou o fundo. Ocasionalmente, o fundo oferece medalhão demarcado por linha(s) concêntrica(s) preen-

chido por motivo central de carácter fitomórfico, heráldico ou linhas paralelas cruzadas. O reverso apresenta em alguns exemplares traços paralelos e arqueados.

Efectivamente, estas produções encontram-se bem representadas nas principais cidades comerciais algarvias, enquadradas em contextos da segunda metade do século XV e ao longo do século XVI. Estas, foram identificadas pela primeira vez nesta região por Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes, na década de 90, na intervenção arqueológica levada a cabo no poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 143-205).

Na última década, multiplicaram-se as intervenções arqueológicas em meio urbano no Sul de Portugal, permitindo alargar o conhecimento sobre este período e a presença destas produções na região. São disso exemplo os espécimes identificados em Faro, na Rua do Compromisso (Botelho, Ferreira e Paes, 2008, p. 45 e 46 – Exemplar U.E, [036] 5), em Tavira, na Casa do Despacho da Misericórdia de Tavira (Botelho e Paulo, 2010, p. 765, fig. 10), no Convento das Bernardas (Cavaco e Covaneiro, 2010, p. 652 e 654) e em Alvor no Rossio da Igreja (Oliveira e Filipe, 2010, p. 792). Surgem igualmente



4. Sevilha Azul Figurativo (exemplares reconhecidos na região algarvia) – 10 Arrochela, 11 Castelo de Silves – Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 271-277); 12-14 Rua do Compromisso – Faro (Botelho, Ferreira e Paes, 2008); 15 Largo do Carmo – Faro (Ferreira, 2009, p. 18); 16 Casa dos Condes – Alcoutim (Gardim, 2005, p. 184); 17 Rua São Gonçalo – Lagos (Oliveira, 2008, p. 324).

representadas em área afastadas do litoral como são os casos da “Casa dos Condes”, em Alcoutim (Gardim, 2005, p. 201 – Exemplares N.º 19 Inv.C.C.96/S3; N.º 29 Inv.C.C.96/S18/22) e no castelo de Paderne (Catarino e Inácio, 2008, p. 323 – Exemplar CPAD/05 [33a] 66).

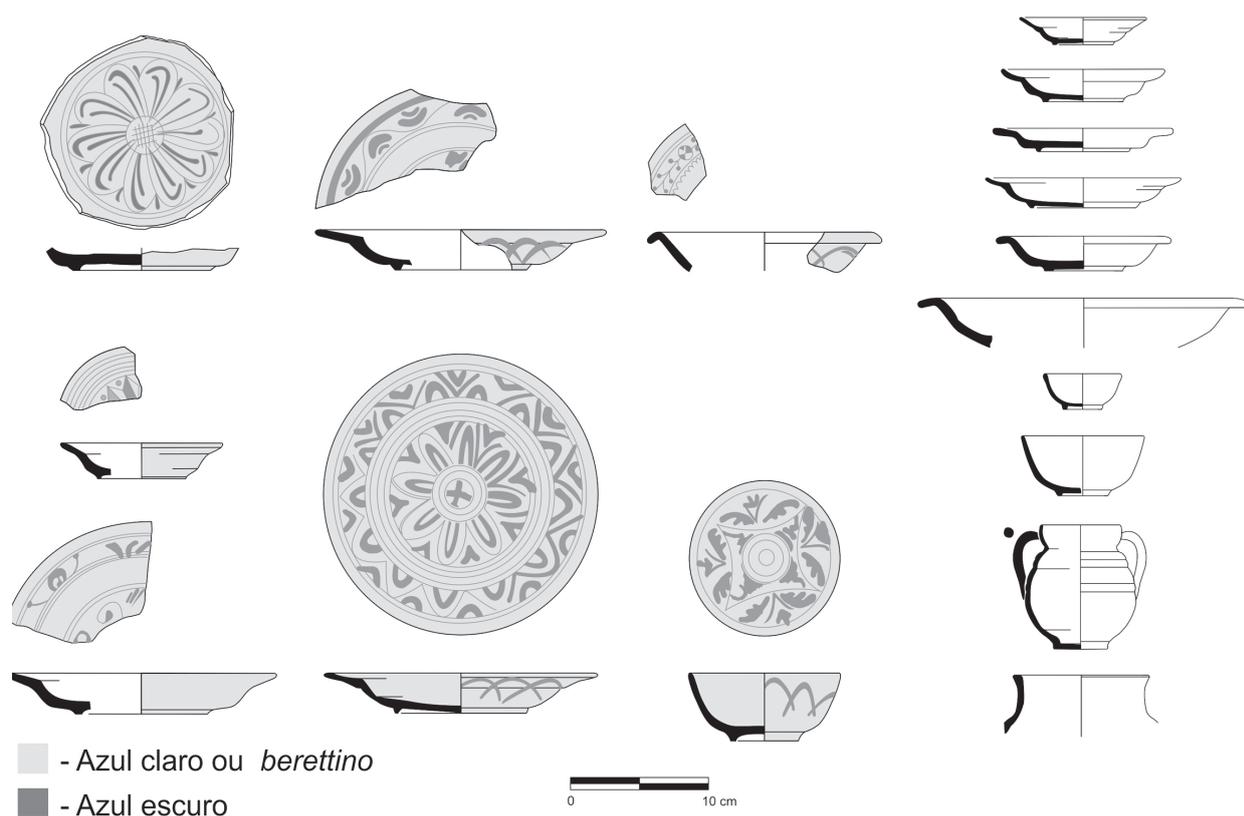
No que diz respeito ao segundo grupo designado de Azul Figurativo ou *Santo Domingo Blue on White* (Pleguezuelo e Lafunte, *op. cit.*, p. 217-244).

Têm sido identificadas em diversos contextos nas, antigas colónias espanholas das Caraíbas, datados entre 1550-1630 (Deagan, *op. cit.*, p. 61), em dois navios naufragados: o *Santo António* naufragado perto das Bermudas em 1621 e o *Atocha* a 1622, na costa da Florida. Produzidas entre a segunda metade do século XVI e o primeiro terço do século XVII, foram denominadas por John Goggin, de *Santo Domingo Blue on White*, tendo sido posteriormente designado por A. Pleguezuelo de *Azul Figurativo*.

Este grupo apresenta grande diversidade formal surgindo documentadas taças com corpo de forma hemisféricas achatada, assentes em pé alto e anelar ou bases côncavas; jarras de corpo globular, colo cilíndrico, lábio

redondo; jarras de corpo de forma piriforme, com bico vertedor e assentam em pé alto e anelar, de lábio redondo. A nível decorativo apresentam-se pintadas em azul de cobalto, sob esmalte fresco, resultando em formas e contornos algo difusos. A decoração ocupa a totalidade do interior das peças, reconhecendo-se mais frequentemente motivos de cariz geométrico, fitomórfico e zoomórfico (pássaros e coelhos), observando-se igualmente, mais raramente outro tipo de motivos, como aqueles de cariz heráldicos e inscrições epigráficas.

Os primeiros exemplares publicados e classificados como pertencentes a estas produções são provenientes de diversas intervenções realizadas na área urbana de Silves, mais precisamente no Castelo de Silves e na zona da Arrochela (Gomes e Gomes, 1996, p. 271-277). Nos últimos anos tem vindo a ser identificados em outras cidades algarvias, diversos exemplares atribuíveis a estas produções: em Faro, na Rua do Compromisso (Botelho, Ferreira, Paes, 2008, p. 61, 63, 124, 126, 163, 164, 193, 194 – Exemplares U.E. [101] 30 e 31; U.E. [229] 75; U.E. [227] 107; U.E. [277] 107; U.E. [318] 144 e 145) e no Largo do Carmo (Ferreira, 2009, p. 18); em



5. Sevilha azul sobre azul – síntese formal e decorativa (Gutierrez, 2000, p. 56; Hervás, 1989; Piechotta, 1989, p. 435 e Pleguezuelo, 1995, p. 243).

Lagos, no âmbito do programa POLIS na Rua da Casa do Governador e Rua São Gonçalo de Lagos, n.º 13-15 (Oliveira, 2008, p. 324 – n.º 306 da U.E. [214]). Foi possível identificar estas produções em núcleos urbanos de menos dimensão, como é o caso de Alcoutim, na “Casa dos Condes” (Gardim, 2005, p. 180-181, 184, 185, 187, 200 – N.º 16 Inv.C.C.96/S2; N.º 21 Inv.C.C.96/S12; N.º 22 Inv.C.C.96/S12; N.º 24 N.º 30 Inv.C.C.96/S2).

## 2.2 Produções azul sobre azul de influência italianizante

Tradicionalmente definidas como majólicas italianas, estas produções foram identificadas e classificadas pela primeira vez, por John Goggin, naquela classe, designando-as de “*Ichtuknee Blue on Blue*”, cujo grupo englobava as conhecidas produções azul sobre azul, originárias da Ligúria. Contudo, na década de 80, Listers (Lister e Lister, 1980), reconheceu pela primeira vez a sua produção igualmente em Sevilha, agrupando-as com as outras produções desta cidade, designando-as de *Guadalquivir Ware*.

Nas últimas duas décadas, diversas intervenções realizadas na cidade de Sevilha, têm documentado arqueologicamente a produção deste tipo de peças, entre elas destacamos as escavações realizadas: na Calle Pureza, n.º 44, onde foram identificadas diversas estruturas de

cariz industrial (Inanez, 2007), datadas do século XVI, nas quais se inclui vestígios de um forno, interpretadas como pertencentes ao atelier de Niculoso Pisano (Morrilla, *et al*, 1990, p. 574-580); no Real Monestir de San Clemente em Sevilha onde foi possível reconhecer uma entulheira de cerâmica, utilizada entre os finais do século XV e a primeira metade do século XVII, proporcionando um enorme manancial cerâmico (Pleguezuelo *et al*, 1997); Calle Betis n.º 36 e Pureza n.º 81 revelaram outra entulheira provavelmente pertencente a olaria, dado ter sido identificada elevada quantidade de cerâmica com defeito de cozedura e vestígios de indústria oleira (Mesa Romero e Castaneda de La Paz, 2001) e na antiga estação ferroviária da Plaza de Armas a qual proporcionou um importante conjunto cerâmico, datados entre os séculos XVI e XVII, tendo sido interpretado com entulheira de uma das olarias mais destacadas, a olaria de Tomás Pesaro e seus descendentes (Piechotta e Prado, 1989, p. 432-436). Surgiram de igual modo, em diversas escavações, estruturas e indícios relacionados com a produção de cerâmica no Bairro de Triana, com a casa-olaria documentada na Calle Antillano Campos, n.º 30 (AAVV, 1998) e na Calle Cartuia (Amores, 1997).

A partir de meados do século XVI, assiste-se a um movimento de emigração de oleiros italianos um pouco por toda a Europa. Atraídos pelo desenvolvimento

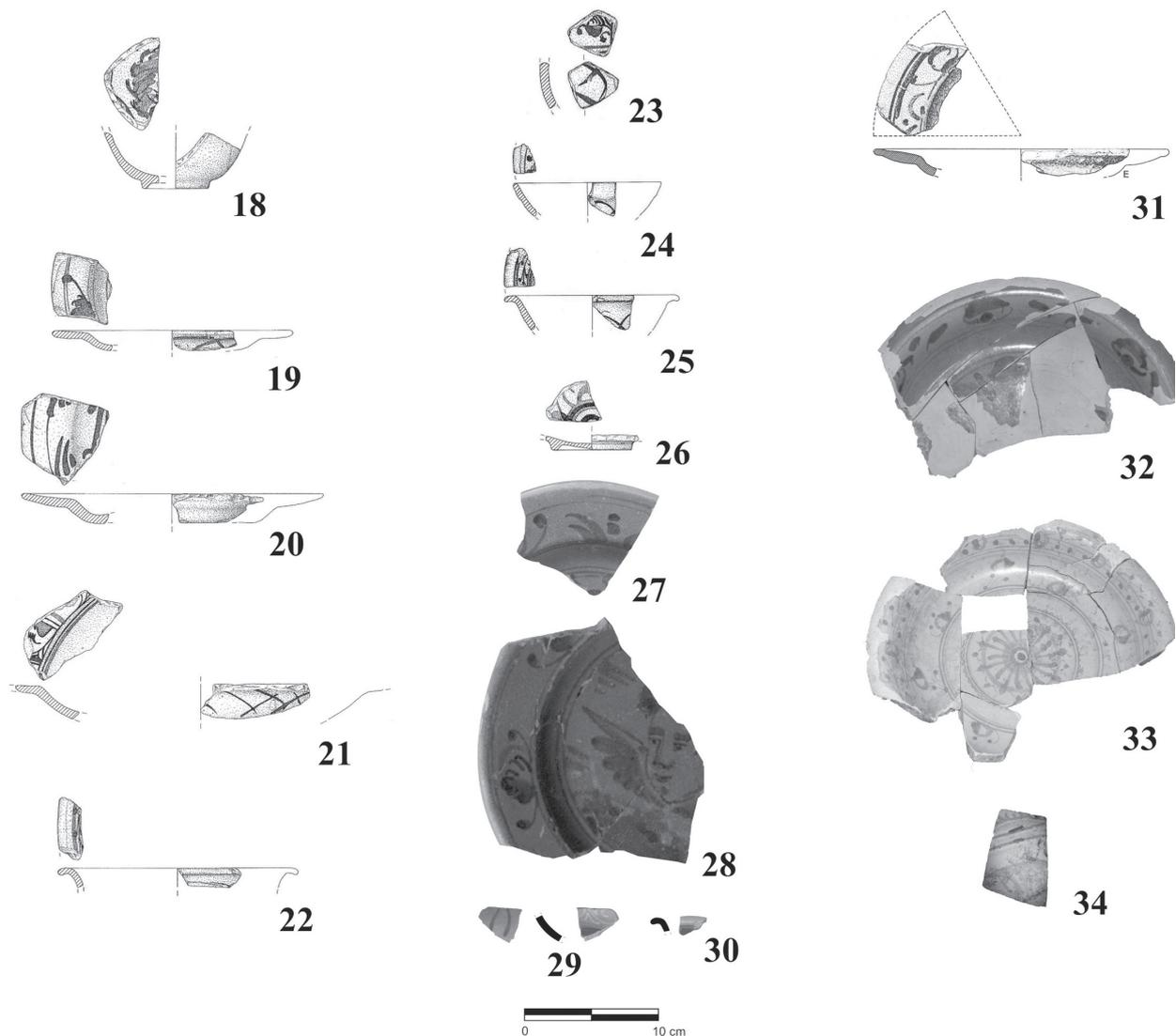
económico de Sevilha, estabelecem-se na cidade diversos oleiros italianos, entre os quais podemos destacar Francisco Niculoso Pisano e Tomás Pesáro. Para além das alterações morfológicas e estéticas, estes introduziram na Península Ibérica inovações tecnológicas, como é o caso da técnica de cozedura, abandonando o antigo sistema de separação no forno mediante a utilização de trempes, passando a utilizar-se as caixas cilíndricas ao modo veneziano, dentro das quais as peças estavam separadas por espigões nos quais assentava a parte inferior do bordo (Munoz e Cambra, 1999, p. 164).

O azul sobre azul sevilhano caracteriza-se por a nível formal surgem documentados pratos com aba assentes em pé baixo e anelar; taças de paredes curvas e divergentes e assentando em pé baixo e anelar; jarras de corpo de forma globular, colo curto e côncavo, duas asas e assentam em pé baixo e anelar. São produzidas

com pastas bem depuradas, homogêneas e compactas, de cor amarelada ou rosada, apresentando por vezes, a nível macroscópico bastantes semelhanças com as pastas utilizadas nas congêneres italianas, sendo apenas possível distingui-las através da sua caracterização arqueométrica (Inanez, 2007; Inanez *et al*, 2008 e Inanez *et al*, 2009).

As superfícies são cobertas por esmalte estanífero, de cor azul claro, aderente e brilhante, espesso, sendo mais fino no fundo e decoração em azul mais escuro.

A nível decorativo o anverso apresenta um novo reportório mais naturalista, constituído por motivos lineares, esquemáticos, florais e arquitectónicos, sendo o reverso decorado com uma sucessão de arcos entrecruzados. Ocasionalmente surgem pequenas pinceladas, de cor amarela, laranja ou branco, sobre a superfície já cozida (Munoz e Cambra, *op. cit.*, 164).



6. Sevilha Azul sobre Azul (exemplares reconhecidos na região algarvia) – 18-22 Rua do Compromisso – Faro (Botelho, Ferreira e Gomes, 2008); 23-25 Largo do Carmo – Faro (Ferreira, 2008, p. 18); 26 Casa do Despacho – Tavira (Botelho e Paulo, 2010, p. 765); 27 Convento das Bernardas – Tavira (Cavaco e Covaneiro, 2010, p. 654); 28 Rua 5 de Outubro – Lagos (Serra e Diogo, 2008, p. 215-222); 29-30 Rua dos Peixeiros (Oliveira, 2010, p. 828); 31 Castelo de Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 278); 32-34 Travessa do Pelourinho – Silves (Baptista, H., 2011 – Geoarque).

Tal como outras produções, estas encontram-se bem difundidas por todo o território algarvio, sendo patente na bibliografia existente e conforme informação oral de alguns investigadores, aos quais agradecemos publicamente<sup>1</sup>, que têm trabalhado um pouco por todo o Algarve, constatamos que estas produções surgem bem representadas em diversos contextos dos séculos XVI-XVII.

Entre os exemplares identificados podemos referir os exemplares identificados em Faro, na Rua do Compromisso (Botelho, Ferreira, Paes, 2008, p. 62, 63, 93, 94, 184, 188, 194, 199 – U.E. [101] 32; U.E. [134] 34 e 35, U.E. [313] 130; U.E. [318] 147) e Largo do Carmo (Ferreira, 2009, p. 18); em Lagos, na Rua 5 de Outubro, Rua Miguel Bombarda (Serra e Diogo, 2008, p. 215-222) e Rua dos Peixeiros (Oliveira, 2010, p. 828 – Exemplar n.º 16, complexo 82); em Silves, na Arrochela (Gomes e Gomes, 1996, p. 275 – Exemplar AR Q 2/CO3/C2), Castelo de Silves (Silo 3) (Gomes e Gomes, 1996, p. 278 – Exemplar Fig. 7-E) e na Travessa do Pelourinho (Baptista, 2011 – Geoarque); em Tavira, na Casa do Despacho (Botelho e Paulo, 2010, p. 765 – Exemplares n.ºs 40 e 42 da U.E. [186]), no Convento das Bernardas (Cavaco e Covaneiro, 2010, p. 652 e 654 – Exemplar DD28(68)149). Registamos também a presença de dois exemplares em Alcoutim, na casa dos Condes (Gardim, 2005, p. 201 – Exemplar N.º 18 Inv.C.C.96/S3/M1 e N.º 28 Inv.C.C.96/S3), os quais pelas suas características técnicas, poderão ser enquadráveis nas produções sevilhanas.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rede de interesses existente entre o Algarve e Andaluzia, ao longo da História, permitiu durante os séculos XVI e XVII, um profundo estreitamento das relações comerciais entre as duas regiões atestada quer pelas fontes documentais disponíveis para a época, como

1. Alejandra Gutierrez (Durham University), Alexandra Gradim (Câmara Municipal de Alcoutim), Alfonso Pleguezuelo (Universidad de Sevilla), Carlos Oliveira e Hugo Baptista (Geoarque), Javier Inanez (Universitat de Barcelona), Luis Campos Paulo (Câmara Municipal de Albufeira), Miguel Serra (Palimpsesto), Sandra Cavaco (Câmara Municipal de Tavira) e Sónia Ferreira e Carla Paes (AES, Arqueologia, Lda.).

são os casos da documentação produzida pela *Casa de la Contratacion*, quer pelas fontes arqueológicas, cuja materialidade é representada pela frequente ocorrência de produções de origem sevilhana em contextos deste período.

Este trabalho não pretendeu, nem ser um estudo sistemático, nem apresentar a globalidade da realidade existente, mas sim uma abordagem preliminar de um projecto mais abrangente, que tem como objecto de estudo a rede de relações comerciais existente entre o Algarve e o Mediterrâneo e a sua caracterização.

Entre as produções provenientes de Sevilha, destaca-se pela sua frequência e dispersão, as produções de azul sobre branco e azul sobre azul. As evidências arqueológicas permitem-nos inferir que estas produções surgem com mais frequência nos núcleos urbanos comerciais, sendo de destacar as ocorrências registadas nas cidades de Faro, Lagos e Tavira.

Se no caso das produções de azul sobre branco existe uma certa unanimidade em relação à classificação e caracterização das mesmas, em relação às azul sobre azul a realidade é bastante distinta. Os estudos realizados nas últimas três décadas demonstraram-nos que a utilização desta técnica azul sobre azul, não foi um fenómeno circunscrito à região Ligúria, tendo ultrapassado as suas fronteiras pelas mãos de artífices italianos que emigraram um pouco por toda a Europa, conforme é possível identificar a sua produção na Península Ibérica, em Sevilha, através da documentação coeva e pelo registo arqueológico, de peças com as mesmas características técnicas, morfológicas e decorativas sendo quase impossível diferencia-las macroscopicamente. Contudo esta realidade não se centra exclusivamente em Sevilha, sendo possível identificar estas produções noutros pontos da Península Ibérica, como é o caso de Lisboa onde se reconheceram na intervenção realizada no Largo de Santos vestígios da produção desta louça (Casemiro e Silva, 2010). Perante este facto questionamos a frequente atribuição às produções lígures de todos os exemplares que apresentam a referida técnica, sem a realização das respectivas análises. Defendemos portanto que a designação mais adequada a utilizar para designar genericamente estas produções, é de tipo ligur.

## BIBLIOGRAFIA

- AA. VV. (1999) – *Plan Especial de Protección de Triana (sector 14)*. Gerencia Municipal de Urbanismo. Ayuntamiento de Sevilla. Sevilla.
- AMORES, F. (1997) – Informe sobre las Actuaciones Arqueológicas de Apoyo a la Restauración en la Cartuja de Sevilla (1987-92). *Anuario Arqueológico de Andalucía*, Sevilla: Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía, p. 594-608.
- BOTELHO, P.; FERREIRA, S. e PAES, C. (2008) – *Relatório Final da Intervenção Arqueológica na Rua do Compromisso, n.º 24 (Faro)* – Relatório técnico, Silves: AES Arqueologia, Lda., p. 244 (texto policopiado).
- BOTELHO, P. e PAULO, L. (2010) – Intervenção Arqueológica na Casa do Despacho (Tavira) – Arqueologia e Arquitectura. *Xelb*. Silves. 10, p. 757-766.
- CARTA, R. (2008) – *Difusión e Influencia de la Producción de la cerámica italiana entre a Baja Edad Media y La Primera Edad Moderna. El caso de Granada*, Granada: Editorial de la Universidad de Granada, p. 1063.
- CAVACO, S. e COVANEIRO, J. (2010) – Gostos e Sabores. O caso do Convento das Bernardas (Tavira). *Xelb*. Silves. 10, p. 635-655. Actas do 7.º Encontro de Arqueologia do Algarve.
- CASEMIRO, T. e SILVA, I. (2010) – *Faianças do Largo de Jesus. Núcleo Investigação Arqueológica*. Lisboa: ERA Arqueologia, Lda. Disponível em <http://www.nia-era.org>].
- CATARINO, H. e INÁCIO, I. (2008) – A ocupação tardo-medieval e moderna no Castelo de Paderne. *Xelb*. Silves. 8, p. 307-332.
- CURVELO, A. e PAIS, A. (2008) – Ecos do Norte e do Levante. Tavira na intercepção de rotas comerciais e artísticas nos séculos XV-XVIII. In *Tavira patrimónios do mar*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, p. 94-107.
- DEAGAN, K. (1987) – *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800*. Ceramics, Glassware and Beads. Vol. I. London: Smithsonian Institution Press, 222 p.
- FERREIRA, S. (2009) – *Acompanhamento arqueológico da Rede de Gás Natural de Faro – Relatório técnico de Janeiro de 2009*, Silves: AES Arqueologia. Lda., 33 p. (texto policopiado).
- GARDIM, A. (2005) – Um conjunto de Faianças da Vila de Alcoutim. *Portugalia*. Porto. [n.s.]:26, p.175-205.
- GOGGIN, J. (1968) – *Spanish Majolica in the New World. Types of the Sixteenth to Eighteenth Centuries*, New Haven: Yale University Publications. Archaeology, n.º 72, 240 p.
- GOMES, R. V. e GOMES, M. V. (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI do poço-cisterna de Silves. *Xelb*. Silves. 3, p. 143-205.
- GOMES, R. V. e GOMES, M. V. (1996) – Faiança do tipo Santo Domingo “Blue on White”, do Funchal e de Silves. *Xelb*. Silves.3, p. 269-284.
- GUTIÉRREZ, A. (2000) – *Mediterranean Pottery in Wessex Households (13<sup>th</sup> to 17<sup>th</sup> Centuries)*, Oxford: B.A.R. British Series 306, 257 p.
- INANEZ, J. (2007) – *Caracterització arqueològica de la ceràmica vidrada decorada de la Baixa Edat Mitjana al Renaixement dels principals centres productors de la Península Ibèrica*. Tesis Doctorals en Xarxa. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- INANEZ, J.; SPEAKMAN, R.; GARRIGO’S J. e GLASCOCK, M. (2008) – Chemical characterization of majolica from 14<sup>th</sup> to 18<sup>th</sup> century production centers on the Iberian Peninsula: a preliminary neutron activation study. *Journal of archaeological science*. 35, p. 425-440.
- INANEZ, J.; SPEAKMAN, R.; GARRIGO’S J. e GLASCOCK, M. (2009) – Chemical characterization of tin-lead glazed pottery from the Iberian Peninsula and the Canary Island: initial steps toward a better understanding of Spanish colonial pottery in the Americas. *Archaeometry*. Oxford. 51, p. 546-567.
- IRIA, A. (1988) – O Algarve e a Andaluzia no Século XV. Documentos para a sua História (1466-1480). *Separata dos Anais*, II Série, Vol. 23, Tomo I, Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- LISTER, F. e LISTER, R. (1982) – *Sixteenth Century Maiolica Pottery in the Valley of Mexico*, Tucson: Anthropological papers of the University of Arizona, 39.
- LORENZO, S. (1999) – El Algarve y la Carrera de Indias: marginalidad provechosa de un enclave geoestratégico en el corazón del comercio con las Indias de Castilla (siglos XVI-XVII). *Revista de historia naval*. Ano n.º 17, n.º 66, Madrid: Instituto de Historia y Cultura Naval, p. 23-38.
- MAGALHÃES, J. (1970) – *Para o estudo do Algarve Económico durante o século XVI*, Lisboa: Edições Cosmos, 288 p.
- MAGGUETTI, M.; WESTLEY, H. e OLIN, J. (1984) – Provenance and Technical Studies of Mexican Majolica Using Elemental and Phase Analysis. In LAMBERT, J.B ed. – *ACS Advances in Chemistry Series*, n.º 205. Archaeological Chemistry III, American Chemical Society, p. 151-191.
- MARKEN, M. (1994) – *Pottery from Spanish Shipwrecks, 1500-1800*, Gainesville: University Press of Florida, 264 p.
- MARTINS, I. (1987) – O Algarve e a Andaluzia. In *Actas das jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, Loulé: Câmara Municipal de Loulé, p. 27-33.
- MARTINS, J. (2007) – *O Reino do Algarve nos finais da Idade Média. Os Concelhos Algarvios do Século XV*, [S.l.: s.n].
- MORRILLA, L. et al (1987) – Intervención arqueológica en calle Pureza n.º 44 de Sevilla. *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilla. vol. II, p. 574-580.
- MUÑOZ, P. e CAMBRA, R. (1999) – La cerâmica moderna en el convento del Carmen (Sevilha). *Arqueologia Medieval*. Mértola. 6, p. 160-171.
- OLIN, J. e BLACKMAN, M. J. (1989) – Compositional Classification of Mexican Majolica Ceramics of the Spanish Colonial Period. *Archaeological Chemistry IV*, Washington DC: American Chemical Society, p. 87-112.
- OLIN, J. S.; HARBOTTLE, G. e SAYRE, E. (1978) – Elemental compositions of Spanish and Spanish-colonial majolica ceramics in the identification of provenience. In CARTER, G. F. (ed.), *Archaeological chemistry II, advances in chemistry series* 171, Washington DC: American Chemical Society, p. 200-229.
- OLIVEIRA, C. (2008) – A intervenção arqueológica na Rua São Gonçalo de Lagos, n.º 13-15. Um modesto contributo para a história da época moderna na cidade de Lagos. *Xelb*. Silves. 8, p. 315-324.
- OLIVEIRA, C. (2010) – Um silo de Época Moderna na Rua dos Peixeiros (Lagos). Estudo do conjunto cerâmico. *Xelb*. Silves. 10, p. 821-839.
- OLIVEIRA, C. e FILIPE, I. (2010) – Intervenção arqueológica no Rossio da Igreja (Alvor, Portimão). *Xelb*. Silves. 10, p. 789-795.
- OTTE, E. (1982) – El Comercio Exterior Andaluz a Finales de la Edad Media. *Actas del II Coloquio de Historia Medieval Andaluza*, Sevilla, p. 193-240.
- OTTE, E.; BERNAL, A. e COLLANTES DE TERRÁN, A. ed. lit (1996) – *Sevilla y sus mercaderes a fines de la Edad Media*, Universidad de Sevilla. *Fund. El Monte*, D.L. Sevilla, 339 p.

- PEREIRA, J. (2008) – Tavira na Expansão Portuguesa. Catálogo. In *Tavira patrimónios do mar*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, p. 85-93.
- PIECHOTTA, M. e PRADO, N. (1989) – La Torre de la Plata de Sevilla. Memoria de la escavation arqueológica practicada en su cámara inferior. *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilla. Tomo III – Actividade de urgencia, p. 432-436.
- PLEGUEZUELO, A. (1992) – Francisco Niculoso Pisano: dados arqueológicos. *Faenza*. LXXVIII, p. 171-189.
- PLEGUEZUELO, A. (1999) – Lozas y Vida Monastica: las Vajillas de la Cartuja Jerez de la Frontera (Cadiz). *Analecta Cartusiana: Review for Carthusian History and Spirituality*. vol. 2, p. 245-256.
- PLEGUEZUELO, A. e LAFUENTE, M. (1995) – Cerámicas de Andalucía Occidental (1200-1600). In GERRARD, C., GUTIÉRREZ, A., VINCE, A., eds. *Lits. – Spanish medieval ceramics in Spain and Brithis Isles*. Oxford: B. A. R., p. 215-244.
- PLEGUEZUELO, A.; OJEDA, M. e HUARTE, R. et al (1997) – Cerámicas de La Edad moderna (1450-1632). M A Tabales. *El Real Monasterio de San Clemente. Una propuesta arqueológica*, Seville, p. 130-157.
- RAMOS, A. (2010) – Intervenções no Centro Histórico de Lagos (2010). *Xelb*. Silves. 10, p. 725-734.
- ROMERO, M. e PAZ, C. (2001) – Intervencion arqueológica de urgência en los solares de calle Betis 36 y 81 (Triana, Sevilla). *Anuario Arqueologico de Andalucía*. Sevilla: Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía.
- SEBASTIAN, L. (2010) – *A produção oleira de faiança em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- SERRA, M. e DIOGO, M. (2008) – Polis de Lagos. Resultados preliminares. *Xelb*. Silves. 8, p. 215-222.
- SERRÃO, J. (1978) – *História de Portugal*, Vol. III, O Século de Ouro (1495-1590), Lisboa: Editorial Verbo, p. 326-327.